



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

## **NARRATIVAS DA PRESENÇA NEGRA EM SALVADOR: TERRITÓRIOS DO MORAR, DO LABOR E DO SAGRADO NAS OBRAS DE ANA MARIA GONÇALVES, RUTH LANDES E ARIOVALDO MATOS**

*CAROLINE SILVA SOUZA*<sup>1</sup>

*GABRIELA LEANDRO PEREIRA*<sup>2</sup>

*JAIRO SANTOS ARAUJO*<sup>3</sup>

*SOFIA DE CARVALHO COSTA E LIMA*<sup>4</sup>

**Resumo:** O artigo se propõe a elaborar uma leitura da presença negra na cidade a partir de três diferentes narrativas que têm Salvador como *locus* central de suas construções textuais. Abarcando recortes temporais, linguagens, estilos e formatos distintos, as publicações “Um Defeito de Cor” (2006), “Cidade das Mulheres” (1967) e “O Corta-Braço” (1955), quando colocadas em relação, revelam-se férteis dispositivos de acesso às territorialidades negras estabelecidas histórica e cotidianamente, e que configuraram (e configuram) a cidade, seja como chão para as rebeliões escravas do século XIX; como terra sagrada, firmada no início do século XX nos arrabaldes; ou nas disputas e embates por moradia, pautada pelo proletariado precarizados em suas relações de trabalho em meados do século passado.

**Palavras-chave:** narrativa – negritude – Salvador – território - cidade

### **Narrativas da Presença Negra em Salvador: territórios do morar, do labor e do sagrado nas obras de Ana Maria Gonçalves, Ruth Landes e Ariovaldo Matos**<sup>5</sup>

---

<sup>1</sup> Graduada em Bacharelado Interdisciplinar em Artes pela Universidade Federal da Bahia – UFBA e graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela mesma Universidade. E-mail: 6carolinesouza@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora Adjunta da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal do Espírito Santo; mestre e doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. E-mail: gabriela.leandro@ufba.br

<sup>3</sup> Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: jro.s.a@hotmail.com

<sup>4</sup> Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: sofiaccl@hotmail.com

<sup>5</sup> O artigo apresenta fragmentos da pesquisa em andamento, denominada “Narrativas e cartografias da presença negra na cidade de Salvador nos séculos XIX e meados do XX” (edital UFBA/PIBIT 2017/2018), coordenada pela Prof<sup>a</sup>. Gabriela Leandro Pereira (Grupo de Pesquisa Lugar Comum/PPGAU-FAUFBA), na qual participam como iniciação científica os estudantes Caroline Silva Souza, Sofia Costa e Jairo Santos (FAUFBA).

Que cidade emerge da articulação entre três narrativas distintas sobre os territórios da negritude na cidade de Salvador? Esse questionamento, revestido de formulações metodológicas e provocações epistemológicas, traz para a pesquisa em desenvolvimento a necessidade de elaborar estratégias de reflexão sobre a presença negra no processo de produção da cidade, que desloque das margens e traga para a centralidade - de forma reconhecível e não escamoteada pelo mito da integração racial - práticas transatlânticas que fundam histórica, política e subjetivamente as cidades brasileiras e a América, como reivindica Lélia Gonzalez (1988).

Neste sentido, a reflexão aqui apresentada se formula a partir do deslizamento por três diferentes obras, cujos conteúdos incidem sobre territórios cuja presença negra são historicamente definidores da urbanidade. Ao estimular o diálogo e o atravessamento entre esses diferentes textos, não há aqui o intuito de realização de um estudo de literatura comparada, mas sim de provocar, a partir dessas aproximações, acúmulos que produzam reverberações potentes frente às constantes tentativas de criminalização e deslegitimação do protagonismo negro no processo de produção da cidade. Recorrer à literatura e outros campos para a construção de uma narrativa sobre a cidade, é também apostar e defender o caráter multi e transdisciplinar dos estudos urbanos, cuja riqueza está indubitavelmente nos cruzamentos e nos desdobramentos dessa interlocução<sup>6</sup>.

A escolha das obras em torno das quais gravitarão os principais motes aqui apresentados, se deu por entender que cada uma delas abordava um momento historicamente relevante para a compreensão das disputas pelo acesso à direitos e à cidade pela população negra em Salvador. Os textos foram escritos de perspectivas diferentes, a partir de autores cuja localização social também são distintas, embora tenham em comum os sujeitos e personagens que apresentam em suas publicações.

---

<sup>6</sup> Para ver mais sobre a aproximação entre literatura e cidade como forma de acessar os territórios de negritude, ver tese "Corpo, discurso e território: Cidade em disputa nas dobras da narrativa de Carolina Maria de Jesus", de autoria de Gabriela Leandro Pereira (PPGAU-FAUFBA, 2015). Disponível em: <http://www.ppgau.ufba.br/node/1734>

Em “Um defeito de cor”, romance histórico de Ana Maria Gonçalves, a escritora remonta, a partir de fragmentos de documentos frágeis, a existência de Kehinde, Luísa Gama ou Luísa Mahin. A autora ficciona a vida de sua personagem principal, que viveu na Bahia no século XIX e teria participado da revolta dos Malês. Ana Maria apresenta seu texto para o leitor como uma longa carta autobiográfica endereçada à um filho, Luís Gama, cujo paradeiro ela desconhece.

Já "A Cidade das Mulheres" é um livro escrito em forma de diário, de autoria de Ruth Landes, antropóloga norte-americana que reuniu nesta narrativa as memórias do que estudou sobre o Brasil, com foco no seu período de estadia em Salvador, na Bahia, em 1938 e 1939. A autora narra o candomblé e a sua importância na formação e manutenção da vida dos adeptos e simpatizantes, a presença de homossexuais masculinos nos rituais candomblecistas e o papel feminino na religião, comércio e política. Ao longo da narrativa, a autora evita definições formais e impessoais, se envolve com as pessoas e as escuta a partir dos seus “lugares de fala”.

O livro “O Corta-Braço”, romance publicado em 1955, foi escrito por Ariovaldo Matos. Jornalista, membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e integrante da equipe editorial do “Momento” – jornal da célula do Partido em Salvador – a narrativa apresenta a dinâmica social e urbana da cidade trazendo a disputa por moradia como foco. O livro acompanha o cotidiano da população pobre e “morena”<sup>7</sup> expondo o surgimento de uma ocupação “irregular” de Salvador inserida nas terras do Corta-Braço, década de 40. Hoje o lugar é conhecido como Bairro de Pero Vaz.

Trazer esse distinto arranjo de narrativas para pensar a presença negra na cidade, implica também colocar em disputa as narrativas e os imaginários por

---

<sup>7</sup> Termo utilizado por Matos no romance ao se referir à população negra e mestiça.

eles promovidos, seja a partir de seu caráter documental ou não. Como afirma Manguel e Guadalupi (2013:p.XII-XIII)

"É seguindo as geografias imaginárias que construímos o nosso mundo: o resto é apenas confirmação.[...] As coisas não imaginadas carecem de existência, como aqueles montículos funerários turcos visíveis mas não vistos, até Schliemann imaginar que se tratava das ruínas de Tróia, ou aqueles muros degradados que só adquirem vida depois de terem sido cobertos de graffiti. A imaginação salva a realidade do reino inefável dos fantasmas."

### **A mulher negra em “Um defeito de cor”: a cidade como experiência de liberdade através do trabalho.**

Kehinde, personagem principal da história contada por Ana Maria Gonçalves, apresenta uma trajetória de grandes dificuldades e “tempos de tempestade”, comum à maioria das mulheres negras nesse país. Foi através do trabalho que a personagem comprou sua liberdade e ganhou relativa autonomia, apesar dos limites impostos, por realizá-lo na rua.

Todo seu processo de des-re-territorialização e seus vários deslocamentos foram atravessados pela dimensão do trabalho: escrava da casa grande na fazenda, da lavoura (onde experiencia algo que descreve como “próximo à ser livre”, já que vivia entre “os seus”), do sobrado na capital, alugada como criada pelos ingleses, a transição para “escrava de ganho” (que viabiliza a compra de sua própria liberdade), a abertura de sua padaria (e também sua perda), a abertura de outra loja, a comercialização de charutos. Em seu retorno para a África, cria uma construtora e morre voltando para o Brasil na tentativa de contar sua história para o filho cujo paradeiro foi descoberto. Em toda a narrativa, o ofício não se dissocia das demais dimensões da vida, assim como a cidade.

“Do barco já era possível vê-la quase que inteira fazendo uma suave curva para abraçar o mar, como um colar de contas em volta do pescoço. Contas que brilhavam à luz do sol, contas verdes da vegetação que descia pelas encostas, contas brancas das grandes casas construídas em cima do morro, contas coloridas das construções que se espalhavam ao pé das encostas e quase se

misturavam com o verde e o azul do colo do mar”(GONÇALVES, 2006:65)

À essa primeira visão da cidade de São Salvador, descrita em 1817 quando Kehinde chega ao Brasil, se somarão outras tantas na narrativa. Capturada em Savalú (Benin), o livro remonta ao assassinato da mãe e do irmão assassinados ao pé de um iroco, quando Kehinde muda-se para Uidá com sua ibêji<sup>8</sup> e a avó Dúrójayé, na tentativa de reconstruir suas vidas em um lugar diferente. É lá que Kehinde e Taiwo são capturadas e tomadas como presentes para alguém de certa importância no Brasil, apesar da crença que pairava na região, de que virariam carneiros ao chegar nas terras desconhecidas.

A travessia precária para o Brasil, culmina com no falecimento em alto mar de sua irmã e avó. Já na chegada, Kehinde comete o primeiro movimento de resistência, independência e liberdade: a fuga do batismo. Mas, ao passar a viver no armazém onde os negros recém chegados ficavam passa a se chamar Luísa. Nessa primeira etapa de vida no Brasil, Kehinde (agora como Luísa Gama) passa a ser escrava de uma fazenda na Ilha de Itaparica. Nessa fazenda, fica encarregada de trabalhar como acompanhante da filha de seu “sinhô”, a sinhazinha Maria Clara, com quem criou grande laço de amizade. Neste trabalho conheceu Fatumbi, um escravo muçumirim<sup>9</sup> que dava aulas para Maria Clara, aprendendo por tabela, a ler e escrever. Por demonstrar interesse, Fatumbi a ajudou com papéis e livros para que mantivesse o treinamento. Quando a sinhazinha muda-se para São Salvador, Luísa é transferida para a senzala grande e para o trabalho no engenho. Foi essa experiência “junto aos seus” que a fez, posteriormente, se envolver em revoltas e lutar pelos seus direitos.

É nesse momento que percebe as diferenças entre ser um escravo da senzala pequena (ainda que em condições desumanas), e ser escravo da senzala grande. Um escravo doméstico, que vivia na senzala pequena, cuidava da limpeza da casa, das refeições, auxiliava os seus senhores em todos os

---

<sup>8</sup> Ibêjis: como são chamados os gêmeos entre os iorubás.

<sup>9</sup> muçurumins: muçulmanos

momentos necessários. Enquanto que na senzala grande, viviam os escravos que trabalhavam na lavoura e comprometiam os rendimentos dos senhores. Cuidavam das plantações, da produção do que era depois vendido e exportado. A partir da quantidade de escravos na cidade e nas fazendas se media o tamanho da riqueza dos senhores. Em Salvador, a escassez de lavouras transferiu o status social para a quantidade de escravos domésticos obtidos.

Aliada ao trabalho, a religiosidade é outra dimensão indissociável dos processos de des-re-territorialização vivenciados por Luisa/Kehinde. Em Itaparica conheceu a Nêga Florinda, curandeira importante que a orientou sobre como cuidar de sua ancestralidade e espiritualidade. Eram novas as formas de se relacionar com os cultos ao seus orixás e vóduns em um lugar onde as religiões dos escravizados eram consideradas pagãs. Foi através de Nêga Florinda que Kehinde conheceu São Salvador, nos deslocamentos para seu compromisso espiritual/religioso. A curandeira leva-a para conhecer a Agontimé que cultuava os mesmo vóduns que a avó de Kehinde em África. Nas palavras de Kehinde, essa Salvador que percorria ao amanhecer, hora em que se era possível cometer essa pequena infração, parecia não ter acordado. Diferente da visão de quando havia chegado pela primeira vez, o Porto não tinha o movimento de mulheres com seus quitutes, nem de homens que carregavam as cargas de quem chegava dos navios, poucas casas estavam com suas janelas abertas e o gabarito da maioria delas passava de 2 pavimentos. Para chegar na Cidade Alta, era necessário subir a Ladeira da Preguiça até chegar ao primeiro ponto principal, o Largo de São Bento, e dele era possível acessar a Praça do Palácio e o Terreiro de Jesus, pontos centrais da cidade.

“Poucas construções tinham só um andar; a maioria era de casas engaioladas umas sobre as outras, com varandas sob janelas laterais que quase se encontravam no ar, ligando uma casa a outra de tão próximas(...)”.  
(GONÇALVES, 2006:126)

A cidade passaria a ser sua morada, depois da traumática experiência do estupro cometido pelo seu “sinhô” - que falece logo após devido à uma picada de cobra - e ficar grávida por causa dessa violência. No sobrado da sinhá Ana Felipa, na

Vitória, Kehinde passa a viver por um tempo, até ser alugada por uma família inglesa, também moradora de um solar na Vitória. No Rio Vermelho realiza a cerimônia do nome que Nêga Florinda “encomendou” para o seu filho, Banjokô, batizado pela sinhá como José Gama. Como escrava alugada, desempenhou as mesmas funções da fazenda de Itaparica: era acompanhante das filhas dos ingleses. Aprendeu a falar inglês com essa família, e também a fazer os cookies que a sustentaram posteriormente.

Como escrava de ganho, Kehinde precisava escolher algum ofício que desse a rentabilidade necessária para pagar a cota mensal para a “sinhá”, o aluguel da loja e mais algum dinheiro para que ela pudesse comprar a sua carta e carta de alforria de seu filho Banjokô. Alguns escravos de ganho não viviam nas mesmas casas que os seu senhores, era necessário apenas que pagassem uma cota semanal ou mensal para seus proprietários. Essa cota acabava levando a maior parte do dinheiro que os escravos conseguiam com seu trabalho, restando pouco para moradia. As lojas pertenciam a negros e crioulos libertos. Eram nelas que moravam alguns escravos de ganho. Como afirma Ana de Lourdes da Costa (1989) em sua dissertação de mestrado intitulada “Ekabó”, apesar das lojas estarem por toda a cidade, locais como a Freguesia do Santo Antônio, apresentava maior concentração de negros libertos e escravos de ganho, por isso, maior quantidade de lojas. Kehinde viveu em uma que ficava nas Portas do Carmo. Destacam-se pela concentração dos libertos e suas lojas a Conceição, Sé e São Pedro, localidades próximas ao centro da cidade, onde a maioria deles trabalhava. Alguns lugares mais afastados do centro também passaram a ser habitados por essas pessoas, e percebe-se nisso já a formação inicial das periferias de Salvador. A Freguesia do Rio Vermelho, era ocupada por libertos que viviam da pesca. Havia lá algumas roças e alguns libertos acabavam por voltar exercer o mesmo trabalho que faziam quando escravos. Nesta freguesia ficava o terreiro/sítio do Baba Ogumfiditifi, pessoa importante para a orientação de Kehinde durante sua passagem por Salvador.

O trabalho a ganho, era tão difícil quanto a vida de um escravo doméstico. No entanto, na narrativa, havia a esperança da compra das cartas de liberdade e da conquista de relativa autonomia. Era possível que os escravos escolhessem os ofícios que fossem realizar. Os serviços prestados eram informados para que a cota semanal ou mensal de pagamento fosse paga aos seus proprietários. Homens e mulheres pagavam cotas diferentes porque havia uma separação de tarefas entre gêneros. Apenas homens se encarregaram de fazer os trabalho braçal mais pesados, como carregadores de carga, de pessoas (com as cadeiras), etc., ou trabalhando como artesãos, barbeiros, oficiais de sapateiro e alfaiates. As mulheres eram quituteiras, rendeiras, lavadeiras, bordadeiras e costureiras. Cada senhor precisava fazer um pedido de licença na Câmara Municipal para que seus escravos fossem trabalhar a ganho. Era uma forma de regulação de quem estava na rua, pois muitos escravos que fugiam trabalhavam a ganho, exatamente pela certa independência que se conseguia nesses serviços. Todos os que trabalhavam dessa forma carregavam uma placa com matrícula, nome, ofício, a quem pertencia e, se morasse fora da casa de seu senhor, o lugar onde morava. Essa placa deveria ficar sempre com o escravo, e mesmo assim, logo quando as revoltas começaram a acontecer, principalmente após a Revolta dos Malês em 1835, o escravo passou a ter horários fixos para andar nas ruas. Mesmo assim não poderia estar acompanhado por mais de uma pessoa negra. Caso infringisse a norma, era aplicada uma multa aos proprietários e os escravos acabavam presos.

Como escrava a ganho, Kehinde vedea “English cookies” - biscoitos que aprendeu a fazer na casa da família Clegg - no Terreiro de Jesus. Ninguém mais vendia esse tipo de quitute na movimentada região. A produção dos cookies era feita na casa do Padre Heinz, que apoiava as escravas de ganho a produzirem seus quitutes em sua cozinha. Auxiliava também os escravos fugidos e sua casa servia como esconderijo e ponto de apoio durante as fugas. Lá Kehinde pode aumentar sua produção dos cookies e conseguiu terceirizar sua entrega. Vale exaltar as estratégias por ela adotadas para conquistar a confiança e a assiduidade de fregueses. Bem vestida, usava sapatos (proibido para quem não



fosse liberto) e negociava com compradores fingindo estar a mando de sua sinhá. Habilidade, com seu conhecimento básico, conseguia conversar sobre diversos assuntos, o que fez com que conquistasse fregueses e amigos que não fossem apenas escravos. Dessa forma conseguiu sobreviver no mundo à ganho.

“Durante a semana a cidade parecia uma grande feira, muito maior que as maiores que eu já tinha visto, com pessoas correndo de um lado para o outro, apressadas, gritando quem queria comprar isso ou aquilo, se oferecendo para carregar qualquer coisa, perguntando quem precisava de cadeirinha ou de algum outro serviço. Andamos pela cidade baixa, pelos trapiches e armazéns, pelas áreas onde se concentravam pessoas que realizavam o mesmo tipo de trabalho, como na Baixa dos Sapateiros. Havia também as ruas de tapeceiros dos barbeiros, dos alfaiates(...) , percebi que havia muito mais alternativas para homens do que para mulheres.” (GONÇALVES, 2006:241- 242)

Pelo que foi citado acima, e nos estudos realizados, os grupos de trabalhadores de certos ofícios se reuniram em pontos específicos da cidade, chamados de cantos. De acordo com Ana Lourdes da Costa, em Ekabó (1989), o canto era um

“ajuntamento de ganhadores tanto escravos quanto libertos, geralmente pertencentes à mesma nação e exercendo o mesmo ofício(...) esses cantos se espalhavam em locais específicos da cidade determinados pela municipalidade, ocupando geralmente um ângulo ou um cruzamento de ruas e recebendo o nome do local da cidade onde se instalavam, como por exemplo: Canto da Calçada...”.

A maioria dos cantos foram ocupados majoritariamente por homens. Muitas ganhadeiras acabavam participando desses cantos porque a grande maioria desses trabalhadores faziam suas refeições na rua mesmo, voltando para casa ao final do dia. Os cantos mais frequentados pelas mulheres foram o canto da Vala, o canto de São Miguel, na rua Guadalupe, na rua do Cabeça, no Largo 2 de Julho, no cais de desembarque e na Ladeira do Boqueirão em Santo Antônio.

Após as grandes rebeliões o poder público, passou a regularizar esses cantos e a indicar pessoas responsáveis por ele, denominados “capatazias de ganhadores”. Assim, era necessário que escravos e libertos que trabalhassem em cada canto pagassem uma cota para esses responsáveis, chamados de juízes de paz e inspetores, e esses eram contratados pelo poder público para monitorar sempre as capatazias de ganhadores, os cantos, e manter a ordem. Esses cantos foram importantes para a formação das juntas de alforria, que

Kehinde conheceu como irmandades. Elas eram formadas por escravos de ganho e libertos e funcionavam como uma espécie de lugar de investimentos, onde os escravos e também os forros poderiam guardar seu dinheiro e em conjunto todos os que participavam ajudavam, de alguma forma, na compra da carta de alforria de alguém dessa confraria. Como os escravos não conseguiam e nem poderiam confiar nos bancos, essa foi a forma deles moverem uma economia paralela para que pudessem ter a liberdade que lhes foi tirada. A partir da narrativa, observa-se que estavam todas relacionadas à religião: a mais antiga, Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora do Carmo, com sede na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, onde só frequentavam angolas; a Confraria do Senhor Bom Jesus das Necessidades e Redempção dos Homens Pretos, com sede na Igreja do Corpo Santo (cidade baixa), onde só frequentavam daomenos jejes; e a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, com sede na Igreja da Barroquinha, onde só frequentavam mulheres e a maioria ketu.

“Ela dizia confraria, mas também podia ser chamada de cooperativa, junta, irmandade ou sociedade. Qualquer pessoa podia se inscrever, mas estavam dando preferência às mulheres, já que as outras confrarias eram formadas por muitos homens, e as mulheres tinham algumas ideias diferentes, preocupações bastante próprias, como o cuidado com o futuro dos filhos.(...) Quanto mais pagasse, mais depressa poderia acumular a quantia de que precisava para comprar as cartas. (...) Um dos maiores problemas era em relação aos juros cobrados pelos empréstimos, mais altos para quem contribuía com pouco dinheiro e tirava muito. Alguns escravos tiravam o valor integral de suas alforrias depois de terem contribuído apenas com a jóia de entrada ou pouco mais que isso(...)” (GONÇÁLVES, 2006:297-298)

Após conseguir sua carta de alforria e a de seu filho, Kehinde vai morar com o pai do seu segundo filho em um sítio na Freguesia da Barra e se envolve ainda mais com os muçurumins. Com parte do dinheiro, que conseguiu juntar do trabalho e da imagem de Oxum<sup>10</sup> (que recebeu de presente da Agontimé), Kehinde abre em sociedade com o pai de seu filho, a Padaria Saudades de Lisboa, em 1830. Na época ela tinha completado 20 anos de idade. Antes de

---

<sup>10</sup> Kehinde fez uma rifa para vender a imagem da Oxum que ganhou de presente da Agontimé. Depois de fazer todos os pedidos e orações a ela, no momento que foi levar a imagem, ela caiu em seu quarto e quebrou. Nesse momento, descobriu que a Oxum possuía ouro dentro dela, o que foi a solução para seus problemas em relação a compra das cartas.

decidir o local para instalação de sua padaria, fez uma pesquisa de mercado e percebeu que nessa época quase todas as padarias da cidade se concentravam nos arredores da rua de Baixo e do Beco do Mocambinho. Essas ruas acabavam atraindo pastelarias, restaurantes, hospedarias e os cafés. Optou então pela Freguesia da Graça por observar a ausência de serviços e comércio na região. Enquanto manteve a padaria aberta, trabalhou a ganho mesmo sendo a dona e chefe de si e de outras pessoas. Sempre foi questionado o seu poder e a sua fala, por ser mulher, estar com um homem branco e ser negra. A competência de Kehinde foi fundamental para que ela conseguisse passar por cima desses questionamentos, conseguisse sua liberdade e sua independência, inclusive financeira, em diferente momentos da vida. Desde que a Revolta dos Malês aconteceu, em 1835, Kehinde fechou sua padaria e transformado em uma loja que abrigou pessoas importantes para a revolta. Quanto estava trabalhando com a produção de charutos, voltou para Itaparica por conta das perseguições e vigias que estavam acontecendo com os libertos e escravos que tiveram alguma relação com os muçurumins/malês.

A partir desse momento Kehinde só fez viajar, por motivos diferentes. Primeiro por uma busca espiritual, depois por ter perdido o seu filho, Luís Gama. Passou um tempo vivendo no Rio de Janeiro, e lá voltou a trabalhar a ganho, enquanto mantinha sua busca pelo filho perdido. Foi para São Paulo ainda nessa procura e depois de andar por parte do sudeste, volta para Salvador. Decide que é preciso voltar para a África e é nesse momento que recomeça sua vida, mais uma vez, de lá. Como um ciclo, volta grávida de gêmeos - ela chega no Brasil sendo ibêji. É em Uidá que passa a trabalhar inicialmente na venda de fumo, depois de armas que alimentaram as guerras (que produziam escravos que eram trazidos para o Brasil) e depois, passa para o ramo da construção, com a sua empresa Casas da Bahia. Quando retorna para a África muitos questionamentos foram feitos em relação aos retornados e aos que não saíram de lá. Kehinde passou a ser conhecida como Sinhá Luísa, um bem questionável em relação à tudo que ela viveu. E só no final de sua vida que consegue voltar para o Brasil

na tentativa de pelo menos contar a sua história para o seu filho a partir da grande carta que escreveu durante toda a viagem.

### **A mulher negra em “A cidade das Mulheres”: resistência e permanência através da religiosidade.**

A construção da narrativa começa com relatos da autora ainda nos Estados Unidos preparando-se para vir ao Brasil realizar uma pesquisa antropológica sobre pessoas negras no país. A pesquisa foi apoiada pelo Conselho de Pesquisas em Ciências Sociais da Universidade de Colúmbia, e dirigida pelo Departamento de Antropologia da Universidade.

O desenrolar da pesquisa da antropóloga na Bahia, deve muito a parceria com o jornalista e etnólogo Édison Carneiro, que a orientou enquanto esteve na capital baiana. Cartas de apresentação de eruditos de Fisk<sup>11</sup> e do Rio de Janeiro levaram Ruth Landes a Édison.

“... naquela terra, onde a tradição trancava as mulheres solteiras em casa ou as lançava à sarjeta, eu teria sido incapaz de me locomover, a menos que escoltada por um homem de boa reputação. E ali estava êle” (LANDES, 1967 ; 18).

A autora mostrou-se extremamente incomodada com a forma como as mulheres eram tratadas na Bahia, mas sua opinião muda paulatinamente quando ela passa a se envolver com as mulheres negras baianas e então ela passa a narrar como aquelas mulheres passavam pelas ruas com tabuleiros de doces na cabeça – eram trabalhadoras constantes – vistas em áreas como à beira da baía, ao lado das docas e armazéns ou gerindo açougues, quitandas, balcões de doces. Outras mais idosas saíam à noite, a fim de comercializar comidas e bebidas que, enquanto vendiam, cantavam músicas cujos versos eram entoados uma parte em português e outra parte em algum idioma africano.

---

<sup>11</sup> Membros do corpo docente da Universidade de Fisk, escola de negros de Nashville, haviam se dedicado a pesquisas sobre raça no Brasil. Diante disso, Landes achou necessário conhecer Fisk antes de vir ao Brasil (LANDES, 1967, p. 5).

Economicamente, na África e aqui no Brasil, a mulher negra mostrou-se auto-suficiente economicamente, como uma atitude emergencial. A narrativa expõe que a pobreza entre as pessoas negras era muito grande. Os pagamentos pelo trabalho negro eram ruins, bem como a alimentação e a saúde dessas pessoas. Ruth Landes fala a respeito dessa problemática que ela presenciou e, a partir de conversas com diferentes intelectuais ao longo de sua estadia na Bahia, traz as impressões deles sobre o assunto, impressões que endossavam quão problemática era a situação das pessoas negras soteropolitanas. Nesse contexto, o dinheiro das mulheres sustentava a elas, aos filhos e as obrigações do templo. Às mulheres negras, fora negada o poder de escolha entre trabalhar ou não. Ou seja, naquele período em que mulheres da aristocracia mal podiam sair sozinhas, mulheres negras figuravam o contraponto. Inclusive, segundo Landes, a atitude dessas mulheres foi definida pelo Dr. Nestor Duarte<sup>12</sup> como sendo uma influência feminina modernizadora e enobrecedora.

Como dito anteriormente, Ruth Landes entrou em contato ou ouviu falar da influência de diferentes intelectuais influentes na Bahia, e os menciona em seus escritos. Os médicos Raimundo Nina Rodrigues, Hosannah de Oliveira e Estácio de Lima, o poeta Artur Ramos, o jurista Nestor Duarte Guimarães e o próprio Édison Carneiro. Esses intelectuais tinham em comum a proximidade com o candomblé e essa aproximação se dava de maneira a fortalecer ambos os lados – por parte do terreiro porque recebia proteção dos intelectuais, uma vez que esta era uma religião perseguida, e por parte dos intelectuais que tinham o terreiro como campo de estudo. Inclusive, é importante lembrar que o Brasil que Ruth Landes conheceu vivia sob a ditadura Vargas e, alguns perseguidos buscavam os terreiros como esconderijo.

Landes narra o Candomblé como uma religião em que as funções a serem exercidas são bem demarcadas, sobretudo no que diz respeito a questões de gênero. Aos homens, eram delegadas funções que envolviam financiamento dos

---

<sup>12</sup> Nestor Duarte Guimarães foi autor de livros marcados pela visão crítica do povo sertanejo. Foi um dos intelectuais que orientou Ruth Landes na Bahia.

terreiros, abate de animais nos sacrifícios, coleta de ervas e manuseio instrumentos musicais para danças sagradas. Havia, no entanto, a possibilidade de homens serem possuídos por deuses como acontecia com as mulheres, mas isso significava tornar-se homossexual. Vale ressaltar que essa prática não era típica de grandes templos ioruba, mas em grupos de culto sem tradição, chamados caboclo, que estavam se multiplicando naquele período. A respeito das atividades femininas, “A Cidade das Mulheres” nos apresenta a potência do matriarcado e conta sobre como as mulheres eram as grandes intermediárias entre as entidades e as pessoas e, é a essas mulheres que a autora dirige sua atenção predominantemente.

Apesar das mulheres exercerem um papel de inegável importância no terreiro de candomblé, já que elas eram as sacerdotisas e intermediárias, havia naquele contexto preconceitos sobre a capacidade destas em gerenciar esses terreiros, fosse por questões estéticas, pela pouca idade ou por discordarem de certas condutas tradicionais e, esses preconceitos são sentidos, por exemplo, quando Ruth Landes conhece um grande babalaô chamado Martiniano<sup>13</sup>, homem muito respeitado pela comunidade negra e candomblecista que, a respeito do papel das mulheres à frente do terreiro, mantinha a opinião de que poucas seriam boas mães, chegando a afirmar que muitas, na verdade, queriam dinheiro e homens e não um compromisso religioso. Martiniano também julgou mal as mães de santo com pouca idade, sendo Mãe Menininha<sup>14</sup> uma exceção, pois segundo ele, ela havia recebido bons treinamentos. Críticas também foram feitas sobre o fato das mulheres permitirem que homens dançassem para as entidades.

Ainda que houvesse discordâncias e embates sobre as ações de algumas mães, os conselhos dessas mulheres eram sempre muito requisitados, não apenas sobre questões espirituais, mas também físicas – o que fomentava uma

---

<sup>13</sup> Martiniano Eliseu do Bonfim foi um babalaô. Era considerado um sábio da cultura afro-brasileira.

<sup>14</sup> Escolástica Maria da Conceição Nazaré ou Mãe Menininha assumiu a direção da Casa Gantois com apenas 28 anos. Oriunda de família de linhagem nobre africana foi uma das responsáveis pela implantação do candomblé na Bahia. Foi treinada por sua tia, Pulquéria de Oxossi, a segunda Iyalorixá na cadeia sucessória, no Terreiro do Gantois.

poderosa relação entre religião e saúde pública. Landes entrou em contato com um médico chamado João Mendonça, que admirava muito o candomblé. Ele afirmou que poucos adeptos de templos fetichistas enlouqueciam porque os escoadouros emocionais e sociais desses grupos eram satisfatórios, sendo esse fato atribuído ao hipnotismo e a possessão, que ocorria quando o deus baixava sobre o indivíduo, obrigando-o a perder a sua identidade. Em conversa com outro médico, o Dr. Hosannah de Oliveira<sup>15</sup>, Landes descobre que os tratamentos médicos eram aceitos pelas pessoas, mas elas jamais abandonavam os tratamentos com ervas. Isso indica que a relação entre religião e saúde pública vai além e abarca mais um viés, que é o ecológico:

“A vida das religiões afro-brasileiras é a própria vida da natureza, todos os Orixás, Inquices, Vodúns, Caboclos estão ligados a um elemento natural e se expressam através dele. Nessa mística, o ser humano é parte integrante de um todo complexo natural, assim como são as pedras, as matas, as águas e outros elementos, porque não há distinção entre o que é humano e o que é natureza” (BOTELHO, 2010: 1).

Ou seja, as relações dos seres vivos com o seu meio natural perpassa os meandros candomblecistas e o terreiro, com todas as áreas verdes relacionadas a ele, emerge como um bem material soteropolitano: é patrimônio e, compreender o terreiro enquanto patrimônio é compreender que a natureza, em sua totalidade, também o é. É válido lembrar, também, que a contribuição negra à urbanidade envolve não apenas os terreiros e as áreas verdes, mas também feiras e festas, muito faladas por Ruth Landes em “A Cidade das Mulheres”.

### **“O Corta Braço”: a luta pela moradia em meados do século XX**

Os relatos, descrições, lugares e cenários construídos por Matos, traz elementos que possibilitam pensar em uma cartografia da cidade de Salvador, na qual diferentes dimensões da luta social dos meados do século XX estejam presentes se tomado como fio condutor alguns dos personagens imaginados no romance. Alguns dos processos dos processos narrados na época ainda pulsam na

---

<sup>15</sup> Foi um médico e professor que acompanhou Ruth Landes em alguns momentos de sua pesquisa.

dinâmica urbana da cidade, sobretudo a segregação sócio-étnico-territorial. Como seria um mapa da cidade acessível aos negros e brancos na década de 1940? Quais eram os tipos de casas que eram alugadas pela população pobre? Qual era aproximadamente a dimensão da cidade? Quais foram os desdobramentos dessa ocupação?

Margô, umas das personagens do romance, aparece como um importante fio condutor da história, pois ela perpassa por todas as situações de moradia apresentadas no romance, seja no beco do vinagre, onde mora inicialmente, ou nos “Pardieiros”<sup>16</sup> onde seu pai João Dórea cobrava alugueis, ou por fim nas terras do corta braços, para onde se mudou. Seu caminho ainda se cruza diretamente com os movimentos sociais, quando se aproxima das ideias do comunismo.

A vida de meados da década de 40, era de constante luta para sobreviver, em condições miseráveis, pagando alugueis caros. Margô e seu pai, moravam no beco do vinagre, e Aníbal Montecano era o proprietário de todas as casas de aluguel não só do beco, mas também do pardieiro das terras do corta braço.

Descrito como sendo uma vila de chão batido com pequenas casas coladas, o beco do vinagre é uns dos primeiros cenários construídos, e assim como outras propriedades do italiano vivia sob um sistema rígido, que em caso de atraso o morador era imediatamente despejado. Sem conhecer muito sobre justiça, e seus direitos, pouco tinha a fazer no momento da desapropriação, o encarregado por tal atividade era conhecido como João Dórea, o pai de Margô, que o fazia com muito pesar. Os moradores eram muito unidos, e o relato sobre o despejo da viúva Oliveira, trazido nas primeiras páginas do romance mostra essa relação: O despejo ocorrera dias atrás. E transformara, realmente, a fisionomia do beco, motivando controvérsias, comentários e discussões acaloradas. João Dórea (...)

---

<sup>16</sup> Casa de pequeno valor ou mal conservada, edifício em ruínas. Para Ariovaldo MMatos, esse termo se estendia não só para as casas construídas e que estão em péssimas condições, mas também para os cortiços, e imóveis invadidos.



dirigia a expulsão da viúva Oliveira (...), Juvenal fez discursos inflamados, protestando, propondo um adiamento da execução. (MATOS, 1999:16) A época era envolta de muitas mazelas sociais, existia muita concentração de renda. Muitas terras em mãos de nobres, e subempregos para a população pobre, o que impedia que moradores pagassem os aluguéis. Margô, que estudava para ser professora e via diariamente o pai realizando tal tarefa, era contrária a todo aquele sistema de exploração, e acreditava a educação para os jovens mudaria a realidade daquele povo.

Em muitas noites viu seu pai contar recibos de aluguéis que tinha a cobrar no conjunto habitacional 23 ou “pardieiro 23”, um lugar, onde, como o autor descreve, viviam aproximadamente “503 pessoas, distribuídas aos montes em seus quartos fétidos”. O pardieiro passou por um processo longo de transformação, e sua precariedade demonstrou como, à população negra e pobre, restava apenas as sobras.

De forma resumida, é trazido dentro dos relatos do livro, que muitos anos antes do casarão se tornar um pardieiro, era uma pensão para jovens ricos, estudantes da Faculdade de Medicina, eram dias felizes e as paredes do casarão “guardavam as modinhas sentimentais que historiavam amores e desventuras afetivas” (MATOS, 1988. P,25), a medida que os anos passaram a pensão foi perdendo força os jovens se mudaram para o centro da cidade, este passou a ser alugado por D. Amália, que o transformou em um prostíbulo, e essas mesmas paredes passaram a “assistir, perplexas, mulheres nuas e pelancudas, reles prostitutas, dançarem maxixe na cama para garantirem sopa no prato” (MATOS, 1988:25), anos depois o prostíbulo foi fechado e entrou em completa ruína até ser comprado por Montecano.

Esse processo de transformação acontecia em outros imóveis pela cidade, algumas de formas mais branda outras não, mas assim como o casarão, que era afastado do centro, se tornou o pardieiro 23, bangalôs do centro da cidade tornaram-se cortiços, e assim, a evolução da forma de morar dos nobres deixava

imóveis abandonados que eram ocupados pela população pobre, seja por invasão ou através dos aluguéis. E dessa forma, como Jânio Roque (2004) fala “As casas nobres de bairros como Graça e Barra contrastavam com os casebres miseráveis das áreas pobres ou com os cortiços do centro da cidade”.

Em seus últimos anos de colégio Margô apaixonou-se por Mário, jornalista que ingressou na redação de “ O momento”, que como falado anteriormente fazia parte da célula comunista em Salvador. Margô nunca havia se interessado pelo assunto antes, mas em muitas de suas conversas com Mário, este sempre à explicava sobre o PCB, e suas lutas. Nesse período o jornal funcionava como sendo um representante do povo, fazia reportagens sobre os operários das fábricas, sobre os meninos que vivam das ruas e dormiam na feira de água de meninos, na praça Cairu ou na praia de São Joaquim.

O jornal não apenas relatou as ocupações mas apoiou, incentivou e participou diretamente das passeatas e dos conflitos, orientou a organização dos moradores em sociedades de defesa do bairro, deu assistência jurídica e atuou como mediador, participando de audiências com o prefeito e pressionando o governador a encontrar solução para o problema, no caso a desapropriação das áreas. (SERRA, Sônia, 2011:11)

O momento fazia parte de uma rede de jornais mantidos pela célula central do PCB, e que assim como os outros funciona sob extremo rigor editorial, a relação do jornal com população também estava sempre atrelada a uma questão política, sendo que o PCB conseguiu eleger nesse período dois deputados Giocondo Dias e Jaime Maciel e um vereador. Segundo o romance, a ocupação das terras do corta braço aconteceu rapidamente - a contínua chegada de famílias e as notícias que corriam, atraíam todos que viviam nos pardieiros e cortiços àquela ocupação insuplantável que superou o poder da guarda.

Mesmo contrariando o pai, Margô investiu em seu romance, descobrindo depois de alguns acontecimentos que estava grávida. Casou-se com Mário sem

aprovação de Dórea, e assim como outras inúmeras famílias de diferentes cantos da cidade encontraram na invasão do corta-braço, um lugar para construir uma casinha. Mário juntamente com os outros membros do partido organizaram uma sociedade de defesa, e nos primeiros meses o partido se mostrou muito importante, pois foi através dele que a comunidade foi representada por advogados que impediram a ordem de despejo que estava sendo movida pelo dono das terras, Aníbal Montecano. Margô e outras professoras que apareceram montaram uma pequena escola e passaram a dar aulas na comunidade. Todos esses acontecimentos que hoje formam o romance, foram relatados pelo jornal O Momento, em que Ariovaldo Matos era membro.

Vemos assim que as ocupações urbanas conhecidas como “invasões” se configuram como recorrentes na disputa da população pobre por um espaço dentro da cidade e, essa ilegalidade é uma forma de legitimar suas reivindicações. O livro de Ariovaldo matos é atemporal pois, apesar do tempo e com tantas reformas sociais, essas transformações de imóveis continuam acontecendo e a população negra e pobre continua desprivilegiada, pagando alugueis caros dentro do espaço da cidade.

## **Conclusão**

A dinâmica urbana em Salvador, em seus diferentes tempos, seguia articulando de maneira inseparável, o morar, o labor e a religiosidade, indireta ou diretamente, como vimos em Cidade das Mulheres e Um defeito de cor. O valor e a importância do candomblé na Bahia alcançaram não apenas as pessoas envolvidas diretamente, como era o caso da população afrodescendente, mas tocava toda a sociedade baiana, sendo muitas vezes, a engrenagem que fazia essa sociedade girar. Nesse ínterim, a influência feminina no candomblé e a vida familiar mais a resistência negra nos âmbito econômico, político e cultural, nos possibilita enxergar uma cidade que emerge de bases negras, cujo cerne é feminino. Nas árvores, o cerne é a parte interior e mais dura do tronco, que só é vista quando se corta a árvore.

Em O Corta-Braço, a Mulher é o agente central na estruturação das relações no território. Apesar de todas as narrativas serem de um período em que a sociedade era extremamente machista, as mulheres emergem como guerreiras que lutaram por sua independência e sobrevivência. Em ambas as narrativas é descrito com uma riqueza de detalhes sua presença tensionando a produção da cidade, mobilizando nosso imaginário e deslocando as imagens pré-concebidas sobre sua inserção nos respectivos tempos. A descrição de momento difíceis, é ainda mais minuciosa. Existe nos três casos um processo de transformação dos personagens, uma mudança de mentalidade e uma evolução diante das questões de exploração. A forma precária de morar da população negra da cidade de Salvador também algo que surge de forma muito clara.

Questões: Podemos, a partir das três narrativas provar o quanto o negro sempre teve um papel importante no desenvolvimento da cidade, seja trabalhando e construindo-a, ou dando origens a novos bairros? O que vemos hoje é que o negro é esquecido como protagonistas do desenvolvimento urbanístico da cidade, o resgate dessas narrativas é de extrema importância pois gera novas publicações, novas discussões, que resgata esse papel de centralidade.

Podemos ver também que quando a narrativa é contada em primeira pessoa existe uma maior aproximação do cotidiano do negro na cidade, enquanto quando entre narrador é apenas um observador essa realidade se distancia.

## **REFERÊNCIAS**

BRITTO, A. C. N. 195 anos de ensino médico na Bahia. Disponível em Título: <[http://www.fameb.ufba.br/historia\\_med/hist\\_med\\_art11.htm](http://www.fameb.ufba.br/historia_med/hist_med_art11.htm)> Acesso em 20 de outubro de 2017.

BOTELHO. P. F. O segredo das folhas e os rituais de cura na tradição Afro-brasileira. Disponível em <<http://www.cult.ufba.br/wordpress/24807.pdf>> Acesso em 11 de outubro de 2017.

COSTA, Ana Lourdes. Ekabó: trabalho escravo, condições de moradia e reordenamento urbano em Salvador no século XIX. Dissertação. Salvador, PPG-AU/UFBA, 1989.

GANTOIS, Terreiro do. Perfil de Mãe Menininha do Gantois. Disponível em <<http://terreirodogantois.com.br/index.php/memorial/>> Acesso em 11 de outubro de 2017.

GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. 13<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: Tempo Brasileiro. Tempo Brasileiro. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, N<sup>o</sup>. 92/93 (jan./jun.)

LANDES. R. A Cidade das Mulheres. Trad. de Maria Lúcia do Eirado Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

LANDES. R. A Cidade das Mulheres. Trad. de Maria Lúcia do Eirado Silva. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002

MANGUEL, Alberto Manguel; GUADALUPI, Gianni. Dicionário de Lugares Imaginários. Lisboa: Edições tinta-da-china, Lda., 2013.

MATOS, Ariovaldo. Corta-Braço. Livro. 2<sup>o</sup> ed. Salvador. EGBA/ Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988. 196p.

PEREIRA, Gabriela Leandro. Corpo, discurso e território: cidade em disputa nas dobras da narrativa de Carolina Maria de Jesus. Tese de doutorado - PPGAU/FAUFBA, Salvador: 2015.

PRIBERAM. Dicionário. Cerne <<https://www.priberam.pt/dlpo/cerne>> Acesso em 11 de outubro de 2017.

ROQUE, Jânio. **O Corta-braço: uma análise geográfica de uma obra literária**. Artigo. EDUFBA, 2004

SERRA, S. **Jornalismo político dos comunistas no Brasil: diretrizes e experiências da “Imprensa Popular”**. Artigo. Salvador, UFBA, 2011

SERRA, S. **O Momento: história de um jornal militante**. Dissertação de Mestrado. Salvador, UFBA, 1987.